



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO PÚBLICA**

JULIANA ARAÚJO COSTA

**RISO, HUMOR E MOLECAGEM CEARENSE: Políticas de
incentivo e valorização à cultura humorística**

FORTALEZA - CEARÁ

2015

JULIANA ARAÚJO COSTA

RISO, HUMOR E MOLECAGEM CEARENSE: Políticas de incentivo e valorização à cultura humorística

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Gestão Pública, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para obtenção do Grau de Especialista em Gestão Pública.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Jeannete Filomeno Pouchain Ramos

FORTALEZA - CEARÁ

2015

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira

Direção de Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)

Biblioteca Setorial Campus Liberdade

Catálogo na fonte

Bibliotecário: Francisco das Chagas M. de Queiroz – CRB-3 / 1170

C87r Costa, Juliana Araujo.

Riso, humor e molecagem cearense: políticas de incentivo e valorização à cultura humorística.
/ Juliana Araújo Costa. Redenção, 2015.

63 f.: il.; 30cm

Monografia do curso de Especialização em Gestão Pública da Universidade da Integração
Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientador: Prof. Dr. Jeannete Filomeno Pouchain Ramos.

Inclui Lista de ilustrações, Lista de abreviaturas e siglas, Referências, Apêndices.

1. Humorismo brasileiro. 2. Humor, sátira. 3. Ceará. I. Título.

CDD 306

JULIANA ARAÚJO COSTA

RISO, HUMOR E MOLECAGEM CEARENSE: Políticas de incentivo e valorização à cultura humorística

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Gestão Pública, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para obtenção do Grau de Especialista em Gestão Pública.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Jeannete Filomeno Pouchain Ramos

– **Orientadora**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Maurílio Machado– **1^a Examinador**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Leandro Proença– **2^a Examinador**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Fortaleza - 2015

AGRADECIMENTOS

A Deus, que sempre esteve presente nos meus momentos de fraqueza, trazendo força para continuar, e sem Ele não teria batalhado para vencer essa etapa em minha vida, meu mais grandioso agradecimento.

À minha família, que sempre me apoiou e, principalmente, aos meus pais, que sempre me incentivaram com todo amor incondicional. Mostrando-me os caminhos certos a serem trilhados da melhor maneira possível e sem os quais eu não estaria aqui.

Ao meu bem Diego Feitosa, a quem sempre pude recorrer nos momentos mais difíceis, meu refúgio, sempre com atenção, amor, afeto, dedicação, carinho e palavras de conforto nos momentos mais certos. Quem nunca me deixou desistir.

A minha orientadora, professora Jeannete Filomeno, que se esforçou ao meu lado para a construção desse trabalho acadêmico.

Ao meu tutor e amigo Ícaro Coriolano, excelente profissional, que sempre se dedicou e se esforçou para resolver todos os problemas referentes ao curso, bem como também tentava nos motivar a não desistir do curso, mostrando que somos capazes.

A todos os meus amigos que compartilharam todos esses anos, os momentos de alegria e de angústias, além de me incentivarem sempre a não desistir.

Agradeço, especialmente, ao diretor do Teatro Chico Anysio, Jader Soares, que sempre me recebeu de maneira cordial e simpática. Assim como também ao humorista Bené Barbosa, que foi solícito em sua entrevista. Com as informações coletadas pelos dois, minha pesquisa enriqueceu.

Por fim, agradeço a todos aqueles que estiveram presentes no percurso da produção desta monografia, direta ou indiretamente, e peço desculpas se esqueci de mencionar algum nome aqui. Sintam-se agradecidos.

“O humor é irmão da poesia
O humor é quem denuncia
O humor é tudo, até engraçado”
Chico Anysio

RESUMO

Este trabalho investiga o riso, o humor e a molecagem cearense como um traço cultural de tal povo. Para isso, o presente estudo aborda o contexto histórico deste atrativo, bem como os vários conceitos e definições de humor, riso e molecagem. Objetivou-se com esta pesquisa identificar as políticas públicas voltadas para o incentivo à cultura do humor cearense. especificamente, compreender as diferentes concepções e manifestações do humor. Na metodologia foram utilizadas as pesquisas exploratória, bibliográfica, documental e de campo (entrevistas). A hipótese do nosso trabalho afirma que o Governo do Estado promove poucas políticas públicas de incentivo ao humor. De acordo com a análise realizada sobre os dados adquiridos pela pesquisa de campo, utilizando a abordagem qualitativa, tal hipótese foi confirmada. A investigação pretende, portanto, ser uma ferramenta motivadora de ponderação sobre o humor no Ceará.

Palavras-chave: Humor, Riso, Molecagem, Ceará Moleque, Cultura e Políticas culturais.

RESUMEN

Este trabajo investiga el riso, el humor y la molecaje como un trazo cultural de este pueblo. Para eso, el presente estudio presenta su contexto histórico, así como los conceptos y definiciones de humor y risa. El objetivo de esta investigación fue identificar las políticas públicas hechas para el incentivo a la cultura del humor cearense, específicamente, comprender las diferentes concepciones y manifestaciones del humor. En la metodología fueron utilizadas las pesquisas exploratoria, bibliográfica, documental y de campo. La hipótesis del estudio afirma que el Gobierno del Estado promueve pocas políticas públicas de incentivo al humor. De acuerdo con el análisis realizado sobre los datos adquiridos por la investigación de campo, a través de los análisis cualitativa, se confirmó la hipótesis. La investigación intenta, por tanto, ser una herramienta motivadora de ponderación a respecto del humor en el Ceará.

Palabras-llave: Humor, risa, molecaje, "Ceará Moleque", cultura y políticas culturales.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Comédia *Dell'Arte*

Figura 02 – Folhetim do século XIX

Figura 03 -Cajueiro da Mentira – Praça do Ferreira – 1907

Figura 04: Placa em homenagem ao antigo cajueiro da mentira e atual cajueiro replantado

Figura 05 - Bode loiô empalhado no Museu do Ceará

Figura 06 - Rubens de Azevedo reconstitui, no seu lápis mágico, a Vaia do Sol na Praça do Ferreira (dia 30 de janeiro de 1942)

Figura 07 - A vaia ao defunto, na Praça do Ferreira, vista pelo lápis de Rubens de Azevedo

Figura 08: O “Chagas dos Carneiros”, um dos tipos populares da cidade nos anos 10

Figura 09: Escritório do riso

Figura 10: Sala da urna funerária de Chico Anysio

Figura 11: Biblioteca Professor Raimundo

Figura 12: Corredor Praça do Ferreira

Figura 13: Sala Cine Holliúdy

Figura 14: Teatro Chico Anysio

Figura 15: Folder indicativo do XII Festival de Humor Cearense

Figura 16: Terça de Graça com apresentação de Zé Modesto

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASSO-H - Associação dos Humoristas Cearenses

SECULT - Secretaria de Cultura

SECULTFOR- Secretaria de Cultura de Fortaleza

SESC-CE - Serviço Social do Comércio Ceará

TCA – Teatro Chico Anysio

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 10 |
| 1. HUMOR: UM BREVE HISTÓRICO | 14 |
| 1.1 O humor na história da humanidade..... | 14 |
| 1.2 O Ceará Moleque e a trajetória do humor no Estado..... | 20 |
| 2. RISO, HUMOR E CONCEPÇÕES EM CULTURA | 29 |
| 2.1 Conceitos e inter-relações entre riso e humor..... | 29 |
| 2.2 Cultura: definições e aspectos sociais..... | 34 |
| 2.3 Composição étnica e repertório cultural cearense..... | 35 |
| 3. POLÍTICAS CULTURAIS E HUMOR NO ESTADO DO CEARÁ | 39 |
| 3.1 Políticas culturais: definições e importância..... | 39 |
| 3.2 O Teatro Chico Anysio e o Museu do Humor Cearense..... | 42 |
| 3.3 Humor cearense e políticas públicas culturais..... | 46 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 52 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 54 |
| APÊNDICES | 58 |
| APÊNDICE A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos Humoristas Entrevistados..... | 59 |
| APÊNDICE B: Roteiro da entrevista semi-estruturada com Jader Soares..... | 61 |
| APÊNDICE C: Roteiro da entrevista semi-estruturada com Bené Barbosa..... | 62 |

INTRODUÇÃO

Humor é um componente de suma importância para os seres humanos, de maneira que a alegria e o sorriso são contagiantes e criam conexões entre as pessoas, tornando-se um elemento chave para a relação entre os indivíduos, tendo em vista que normalmente rimos de alguém ou com alguém, dificilmente nos encontramos rindo sozinhos. A forma manifesta pelo humor vai variar conforme as sociedades e épocas, e são exatamente essas diferenças que nos proporcionam grandes descobertas sobre o desenvolvimento cultural e social do passado.

O povo cearense tem uma molecagem como particularidade e se destaca em qualquer lugar do Brasil por sua veia cômica. Boa parte dos grandes personagens do humor que se destacaram em âmbito nacional é proveniente do Ceará, característica que muitas vezes desperta o interesse de pessoas de outras regiões do país em conhecer o nosso estado.

Dentre as motivações para a realização deste estudo podemos destacar o desafio, pois são poucos os trabalhos científicos encontrados com a temática, e o interesse pelo tema, devido ao fato de a autora frequentar *shows* de humor na cidade. Portanto, essa pesquisa se fez necessária para uma maior contribuição sobre a abordagem do humor como política cultural e a opinião dos humoristas.

Foi a partir dessas constantes visitas a *shows* de humor em geral, bem como também a peças teatrais e do trabalho anterior defendido com uma temática semelhante, além dos artigos escritos, que o objeto de estudo desta pesquisa foi sendo construído. Dessa forma, a autora passou a refletir o significado atribuído ao humor como uma espécie de marca cultural do povo cearense.

Movida por esta inquietação, a autora formulou a hipótese que o Governo do Estado promove poucas políticas públicas de incentivo ao humor cearense. Portanto, esta pesquisa propõe-se a responder ao seguinte questionamento: Existem editais de políticas públicas de valorização e incentivo ao humor cearense? Quais são?

Desse modo, foi definido como objetivo geral deste estudo identificar as políticas públicas voltadas para o incentivo à cultura do humor cearense. Não menos importante, o objetivo específico é compreender as diferentes concepções e manifestações do humor.

As pesquisas científicas são dotadas de procedimentos de investigação para que se torne possível coletar informações sobre o objeto ou a temática em estudo. A metodologia se faz necessária para traçar o percurso e a maneira de realizar a investigação científica, tornando-se um mecanismo de suma importância para a pesquisa.

A pesquisa exploratória constituiu o contato inicial com os elementos da pesquisa que estão ligados a temática deste estudo. Segundo Piovesan e Temporine (1995), a pesquisa exploratória é “o estudo preliminar realizado com a finalidade de melhor adequar o instrumento de medida à realidade que se pretende conhecer”. Foi por meio dela que se tornou possível uma aproximação com as fontes de pesquisa, tornando-se claro e objetivo o que buscar de cada fonte.

Este tipo de investigação foi de grande relevância por esclarecer os caminhos a serem tomados e proporcionar o conhecimento sobre as melhores estratégias e dos locais para a realização da pesquisa, servindo como um prognóstico, desenvolvendo-se por meio de uma busca por *sites* e arquivos na internet, além de visitas a bibliotecas públicas.

Em síntese, podemos afirmar que explorar as opções funciona como uma maneira de identificar os melhores caminhos a serem traçados e as possíveis formas de realizar o estudo.

Outro importante meio de pesquisa foi a pesquisa bibliográfica. Todo e qualquer estudo não pode desconsiderar a consulta de materiais bibliográficos, tornando-se essencial para os trabalhos científicos. Segundo Marconi e Lakatos (2001), “a pesquisa bibliográfica trata-se do levantamento de toda bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita”.

Perfilhando o valor e a necessidade da fundamentação teórica nos trabalhos científicos, conclui-se que neste trabalho a pesquisa bibliográfica se constituiu em elemento imprescindível para a sua consolidação. Tal estudo foi sistematizado por meio de livros, revistas, artigos, monografias e *sites* capazes de proporcionar esclarecimentos relacionados ao riso, humor, molecagem e turismo e as relações que existem entre tais elementos.

Após a exploração, a busca por materiais bibliográficos tornou-se mais ágil, pois já se sabia em quais bibliotecas pesquisar e quais obras seriam lidas, além dos *sites*. Enfim, por meio dela foram formuladas as argumentações e conclusões.

A pesquisa de campo funciona como uma busca de dados e informações que ainda não foram investigados, permitindo que o pesquisador atente se as suas hipóteses se comprovam. De acordo com Gil (2002), este tipo de pesquisa “é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo”.

A pesquisa documental diz respeito aos impressos, manuscritos, registros audiovisuais, imagens e etc. Para Severino (2007), “tem-se como fonte documentos no sentido amplo [...]. Nestes casos, os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria-prima [...]” É o caso da Lei pesquisada para este estudo, bem como também o Edital do Humor no Ceará e imagens de *folders* anexadas ao trabalho.

Para a execução deste trabalho, foi empregada uma observação participante, em que o pesquisador interage com o pesquisado, sabendo ouvir, ver e fazer uso de todos os sentidos.

A pesquisa foi realizada por meio da aplicação de duas entrevistas semi-estruturadas, que apresenta um roteiro simples, com poucos questionamentos. As entrevistas foram realizadas com dois atores, ambos humoristas, o diretor do Teatro Chico Anysio e presidente da Associação dos Humoristas Jader Soares, que interpreta o personagem Zebrinha, e Bené Barbosa, responsável pelo projeto “Terça de Graça”.

As entrevistas funcionaram como um importante elemento de análise para corroborar as nossas hipóteses, priorizando os relatos orais, que são elementos de suma importância para construção de um contexto sociocultural e histórico, valendo-se de uma análise qualitativa, estimulando o entrevistado a pensar e falar livremente sobre o tema estudado, definindo-se a partir da abordagem do problema formulado, visando à checagem das causas atribuídas a ele.

Na introdução deste trabalho, apresentamos os elementos essenciais da pesquisa, incluindo justificativa, problemática, objetivos geral e específico, hipóteses, metodologia e a estrutura da monografia.

O seguinte trabalho está dividido em três seções. Na primeira, analisamos como o humor varia conforme determinadas culturas, sociedades e épocas, contextualizando brevemente até os dias atuais. Em sequência, apontamos os fatos pitorescos que fizeram parte do Ceará Moleque, que recebeu tal denominação na Literatura devido aos curiosos acontecimentos que ocorreram no século XIX, caracterizando a irreverência de um povo que ficou conhecido até os dias atuais por tal marca.

Na segunda, apresentamos o suporte teórico para uma melhor compreensão do trabalho, com os conceitos de riso e humor segundo a visão de distintos autores. Em seguida, apresentamos os diferentes conceitos em cultura, importantes para a compreensão deste trabalho. Finalizando este capítulo, expomos a formação etnográfica do povo cearense, proporcionando uma melhor compreensão sobre a molecagem assimilada à cultura desse povo.

A terceira e última seção nos apresenta primeiramente as definições de política cultural. Em seguida, explicamos sobre o teatro Chico Anysio, valendo-se da Antropologia da Imagem para mostrar os seus respectivos espaços, assim como também o Museu do Humor, que fica anexo. Por fim, apresentamos uma análise dos dados coletados no nosso campo empírico de investigação, por meio das falas dos personagens entrevistados.

As considerações finais constituem a última seção, que se adjudicou se o objetivo geral foi alcançado e as hipóteses confirmadas, além de serem compartilhadas algumas ponderações sobre o assunto ressaltado no trabalho.

1. HUMOR: UM BREVE HISTÓRICO

Ao longo da evolução das sociedades humanas, o humor esteve presente. No entanto, uma maior leitura em piadas e em fenômenos cômicos mostra que a natureza do humor muda de um período para outro e que essas mudanças podem nos fornecer importantes *insights* sobre o desenvolvimento cultural e social do passado. Nas subseções a seguir, apresentaremos um breve contexto histórico sobre o humor.

A molecagem é um termo que surgiu desde os tempos da escravidão e frequentemente era associado à criança negra, pois tais meninos costumavam fazer traquinagens. Com o decorrer das décadas, esse termo foi também associado aos cearenses, tendo em vista que a história de tal povo é repleta de fatos que se tornaram folclore. Esses acontecimentos caracterizam o que a Literatura designa de Ceará Moleque, nos anos 1930. Normalmente, esses episódios ocorriam na Praça do Ferreira, localizada no centro da cidade de Fortaleza, como por exemplo a vaia ao sol, no dia em que o sol resolveu aparecer após três dias de chuva, causando a revolta do povo, e a candidatura de um bode para vereador de Fortaleza. Assim, podemos afirmar que o humor é um traço marcante da cultura cearense.

1.1 O humor na história da humanidade

O ser humano é o único animal na natureza com capacidade de pensar e, conseqüentemente, é o único capaz de rir. Essa característica tornou-se perceptível desde os tempos da pré-história, quando o homem tomava conhecimento do que era engraçado em si mesmo e no outro e, dessa forma, o riso foi se desenvolvendo até os dias atuais.

Segundo Minois (2003, p. 79), o humor tem início nos tempos da pré-história, quando “[...] o homem tomou consciência dele mesmo, de ser aquele e ao mesmo tempo de não o ser e achou isso muito estranho e divertido [...]”. Afinal de contas, o homem é o único animal capaz de rir. Ainda segundo o autor, podemos dizer

que “o homem não é apenas a única criatura que pode rir, mas também a única criatura risível: só rimos daquilo que é humano ou faz pensar no homem”. Assim nasceu o humor, quando o homem da era pré-histórica passou a perceber o que era estranho em si mesmo. E assim nasceu também o riso.

O homem pode rir do outro ou até de si mesmo, configurando o que Minois (2003) chama de riso social, encontrado também nos dias atuais, visto que podemos rir de características ou atos de outras pessoas. Normalmente rimos do outro ou com o outro e o porquê desse riso varia conforme as épocas e culturas.

Esse mesmo autor explica que, na Grécia Antiga, houve um processo conhecido como “humanização do riso”, pois antes o riso era arcaico, agressivo e sem regras. Os camponeses saíam as ruas mascarados e pintados, embriagados, rindo das pessoas que passavam no caminho, típico das festas dionisíacas¹ e, a partir do final do século V a.C., este riso foi sendo combatido por alguns filósofos, como Platão² e Aristóteles³, pois o riso deveria ter limites na vida pública e no âmbito político.

Os gregos se destacaram muito no mundo das artes. Os artistas gregos buscavam representar, por meio das artes, cenas do cotidiano, acontecimentos históricos e temas religiosos e mitológicos. As comédias gregas tinham o intuito não apenas de divertir a população, mas também de criticar o governo e aspectos da sociedade. De maneira criativa e divertida, a sátira era muito presente nas manifestações artísticas. Contudo, as comédias gregas não eram dirigidas a toda a população, pois grande parte dela, como por exemplo, escravos e aqueles pertencentes às classes sociais mais baixas eram excluídos de direitos e privilégios sociais.

Na Roma Antiga, segundo Minois (2003), havia um chamado “riso popular”, desenfreado e barulhento, próprio das festas periódicas nas quais os romanos celebravam uma época de igualdade, invertendo as posições e hierarquias sociais: os homens se vestiam de mulheres e os escravos se tornavam senhores, tais festas eram conhecidas por saturnais, em honra ao Deus Saturno, filho do céu e da terra.

¹Festivais em homenagem ao Deus grego Dionísio, que se destinava a solicitar a fertilidade das terras.

²Filósofo e matemático do período clássico da Grécia Antiga.

³Filósofo Grego, um dos fundadores da filosofia ocidental.

A comédia romana teve sua inspiração na comédia grega, fundindo várias peças e inserindo cenas de uma peça na outra, marcadas principalmente por Plauto⁴, que criou muitos tipos populares que, em seguida, foram espalhados por todo o mundo por meio da Comédia *Dell'Arte*. Esta era uma forma de teatro popular improvisado, datado do século XV na Itália e desenvolvido posteriormente na França, mantendo-se popular até o século XVIII, conforme observamos na figura abaixo.



Figura 01: Comédia *Dell'Arte*

Fonte: <http://www.desvendandoteatro.com/comedias.htm>

Nos primórdios do Cristianismo, aqueles que eram chamados de doutores da Igreja criticavam veementemente o riso, pois segundo estes era necessário suportar o vale de lágrimas para a conquista dos céus. Em outras palavras, era necessário suportar todas as dores e tragédias da vida, pois, somente dessa maneira, é que se estava apto ao reino dos céus após a morte.

Essa seriedade é o que Bakhtin (1999) caracterizou como a “cultura medieval oficial”.

O cristianismo primitivo (na época antiga) já condenava o riso. Tertuliano, Ciprião e São João Crisóstomo, levantaram-se contra os espetáculos antigos, principalmente o mimo, o riso mímico e as burlas.

⁴ Dramaturgo romano, considerado o maior comediógrafo da Roma Antiga.

São João Crisóstomo declara de saída que as burlas e o riso não provêm de Deus, mas são uma emanção do diabo; o cristão deve conservar uma seriedade *constante*, o arrependimento e a dor em expiação dos seus pecados. (BAKHTIN, 1999, p. 63, grifo do autor).

Nesse sentido, o riso era considerado algo pecaminoso, a expressão do que era mau, algo proibido, por isso era declarado como uma emanção do diabo. Para demonstrar seu arrependimento e a dor que sentia na angústia dos seus pecados, o cristão deveria conservar a seriedade sempre.

Ainda segundo Bakhtin (1999), a seriedade defendida pela Igreja carregava a necessidade de legalizar a burla e o riso de que eles haviam sido excluídos fora dos cultos, dos ritos e cerimoniais canônicos, o riso era considerado uma heresia.

Em geral, Minois (2003), explica que, na Idade Média, os carnavais e outros festejos populares estavam repletos de inversões das hierarquias e de paródias, proporcionando um riso coletivo, que servia como uma espécie de refúgio para se poder suportar as pressões sociais pelo resto do ano. Dessa forma, nesse período, as normas de conduta eram rompidas temporariamente, aliviando a sujeição a essas normas e hierarquias.

O riso do homem medieval indicava a vitória sobre o medo, que oprimia a consciência do homem, pois, naquele período, a cultura era imbuída de seriedade, associada às restrições e violência que carregava. Para Bakhtin (1999), o riso não impõe restrição nem interdição. Porém, essa vitória durava apenas durante os festejos populares, todos os outros dias se seguia com a opressão e o medo, configurando duas verdades: a oficial e a carnavalesca, que não se misturavam.

Na Idade Média, podemos fazer menção ao bobo da corte, um servo da monarquia, que tinha a função de fazer com que o rei e a rainha rissem. Ele era o único capaz de criticar o rei sem correr riscos, como castigos ou até mesmo a morte, muitas vezes era considerado desagradável por apontar os vícios e as características da sociedade. Minois (2003) nos explica da seguinte maneira:

O bobo é a contrapartida à exaltação do poder, porque ele é o único que pode dizer tudo ao rei. Sob a proteção da loucura e, portanto, do riso, ele pode se permitir tudo. A verdade passa a ser a loucura do riso: “As relações do rei e de seu bobo”, escreve Maurice Lever, “repousam, definitivamente, nessa convenção unanimemente aceita.

O bobo dá o espetáculo da alienação e adquire, a esse preço, o direito à palavra livre. Em outros termos, a verdade só se faz tolerar quando empresta a máscara da loucura. [...] E se a verdade passa pela loucura, passa, necessariamente, pelo riso.” (MINOIS, 2003, p. 231)

Foi durante o Renascimento, período caracterizado por uma redescoberta e uma revalorização das referências culturais da Antiguidade Clássica, que o riso pôde se tornar incontido, como era durante todo o carnaval, baseado nos absurdos e obscenidades das festas, tornando-se o tempo de uma gargalhada ensurdecidora. É o que Minois (2003) sugere que os humanistas tiveram uma necessidade de superar o medo do inferno, imposto pela Igreja.

No Brasil, podemos afirmar que o humor se destacou a partir do período da República, em fins do século XIX, época em que tiveram destaque a literatura e os folhetins, que, semanalmente, ocupavam o rodapé dos jornais, normalmente com histórias cômicas. Para os que viveram nesse período, essa comicidade era que os fazia superar as dificuldades que viviam, principalmente os que pertenciam às classes sociais mais baixas. Vale ressaltar que nessa época o Brasil passava por uma transição de regime político de Monarquia para República, e este cenário era exatamente a comicidade presente nos folhetins que trazia para o povo melhores perspectivas de futuro. A figura seguinte apresenta um folhetim do século XIX.



Figura 02: Folhetim do século XIX
Fonte: <http://www.centenariorepublica.org/centenario/2008/09/27/raptos-de-criancas/>

Saliba (2002, p.70) explica da seguinte maneira:

De qualquer maneira, deslocando ou alterando significados, o comportamento humorístico parecia corresponder a uma atitude geral do brasileiro no sentido de ajustar-se à vida na sua repetição cotidiana e àquela sobreposição de temporalidades, aparando ou, pelo menos, sublimando os impasses, os conflitos sociais e as perspectivas de futuro. Parecia mesmo que o humor ajudava os brasileiros a viver, dando-lhes uma espécie de ética ilusória e efêmera capaz de colimar, ao menos provisoriamente, os obstáculos e as dificuldades que se esgarçavam naquele momento crítico de transição de regime político. Parodiando a famosa afirmação de Gramsci, diríamos, neste caso, que todos os homens eram humoristas, mas apenas alguns exerceram as funções de um humorista.

No século XX, nem mesmo as duas guerras mundiais acabaram com o senso cômico. Podemos afirmar que o século XX morreu de rir, é o que acredita Minois (2003). Ainda segundo este autor, foi devido a essa época que atualmente temos tanta liberdade de expressão em relação ao humor e, portanto, nada nem ninguém pode escapar ao humor e a ironia, ou seja, “Todos os tabus, todos os ídolos, todos os valores sofreram, em um momento ou em outro, atentados dessacralizadores do espírito cômico. O século XX adorou tudo e queimou tudo.” (idem, p. 571)

Enfim, em cada época houve um tipo de humor, variando também conforme a cultura, mas foi sempre uma fonte de consolo e uma defesa contra o desconhecido e o inexplicável. Portanto, podemos concluir que o riso despertou diversos sentimentos ao longo da história, em determinadas épocas e locais o riso era incontido e sem regras, enquanto em outras era completamente respeitoso e contido, dependendo do lugar social onde se ri, variando as posturas e atitudes.

1.2 O Ceará Moleque e a trajetória do humor no Estado

No início do século XX, o Ceará vivenciou um período literário que ficou denominado Ceará Moleque, devido aos muitos fatos inusitados que ocorriam, principalmente na famosa Praça do Ferreira, localizada no centro da cidade de Fortaleza, considerada a sede social do Ceará Moleque, bastante frequentada por estudantes e boêmios na época.

Um caso marcante foi o chamado cajueiro da mentira, também conhecido como cajueiro botador, devido ao fato de dar frutos durante todo o ano, localizado na Praça do Ferreira. No início do século XX, todos os dias primeiro de abril, à sombra

desse cajueiro, havia uma sessão de mentiras, onde aqueles que eram frequentadores assíduos da praça se reuniam para contar causos e, em seguida, havia a eleição do melhor potoqueiro⁵, por meio de votação em uma urna que ficava pendurada no tronco da árvore, conforme observamos na figura a seguir. Durante a noite, o nome do vencedor era colocado escrito em uma placa no tronco do cajueiro, havendo também uma pequena homenagem com aplausos, discursos e risos. Em 1920, o cajueiro foi banido, devido a uma revitalização da praça.

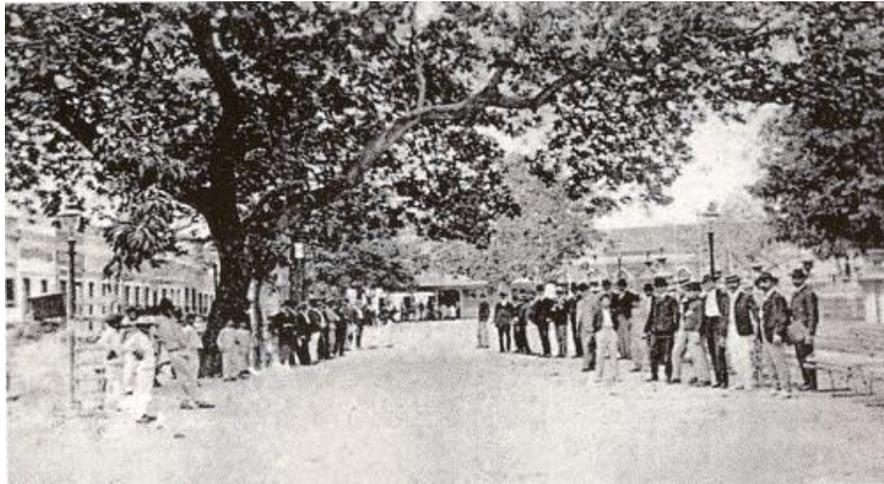


Figura 03: Cajueiro da Mentira – Praça do Ferreira – 1907
Fonte: <http://www.panoramio.com/photo/62758147>

Atualmente, no local, existe uma placa com os seguintes dizeres: “Neste local existiu um frondoso cajueiro que por frutificar o ano todo era apelidado Cajueiro Botador, ou por se realizarem, sob sua copa, cada 1º de abril as eleições para o maior potoqueiro do Ceará, era chamado Cajueiro da Mentira.”. E outro cajueiro, replantado, encontra-se no mesmo local.

⁵ Contador de potocas (mentiras).



Figura 04: placa em homenagem ao antigo cajueiro da mentira e atual cajueiro replantado
 Fonte: Pesquisa de Campo 2015

Outro episódio bastante conhecido foi a candidatura do famoso “bode loiô” para vereador de Fortaleza, em 1920, em forma de protesto aos desmandos e corrupções exercidos pelos políticos da época, tornando-se um mito. Ele recebeu essa denominação devido ao fato de perambular pelas ruas da cidade, realizando o mesmo percurso diariamente até a Praça do Ferreira. Além disso, também frequentava teatros, coretos e saraus. Segundo o artigo “Turismo em Fortaleza: Fábrica de Gargalhadas” (sem autor, Informatudo Pague Menos, Ano 4, mês 11, vol. 7 nº 42) “o bode bebia cachaça, tinha preferência pelas moças, participou de atos políticos em coretos e saraus literários, comeu a fita inaugural do Cine Moderno, assistiu peça no Theatro José de Alencar e até passeou de bondinho”.



Figura 05: Bode loiô empalhado no Museu do Ceará
 Fonte:<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=501666>

O bode também era um exímio entendedor do sexo feminino, e tinha o costume de levantar com o seu chifre a barra das saias e dos vestidos das moças que passavam pelas ruas. O caprino foi encontrado morto em 1931, nas proximidades da Praça do Ferreira, tornando-se um mito. Atualmente, está empalhado, exposto no Museu do Ceará, localizado no centro da cidade de Fortaleza, representando o Ceará Moleque.

Freitas (2003) nos explica que:

[...] os episódios são expressivos de uma brincadeira coletiva, de uma grande gozação da situação: gozação de si mesmos, da comunidade e do sistema [...] Através destes elementos foram encontradas formas simbólicas de contextualizar uma *situação-limite* experimentada pelos grupos envolvidos: um modo possível de protestar, denunciar, desqualificar o opositor e de chamar a atenção da opinião pública para a situação, mostrando publicamente os objetivos perseguidos. (FREITAS, 2003, p. 130, grifo do autor)

Também podemos mencionar como característica marcante desse período as famosas vaias, emitidas contra fatos considerados extraordinários, ou até mesmo contra o modo de se vestir ou de se comportar em público que fossem considerados esdrúxulos. Surgiam sempre de maneira inesperada, causando algazarra e despertando a atenção da polícia que, por diversas vezes, também era vítima das vaias por tentar conter as manifestações.

Um dos episódios mais conhecidos do Ceará moleque foi a vaia ao sol, no ano de 1942, na Praça do Ferreira, pois o sol não aparecia há três dias, Fortaleza enfrentou três dias nublados, então, no terceiro dia, quando o astro-rei resolveu aparecer, os que estavam na praça promoveram uma enorme vaia, grito de deboche característico do povo cearense, tudo isso porque as pessoas queriam mais chuva. De acordo com Ponte (1993, p. 175-176), “[...] qualquer pessoa, coisa ou episódio que sugerisse exagero ou quebrasse a normalidade do cenário urbano poderia arrancar gargalhadas ou ser motivo para vaias”. Complementando o exposto, o Informatudo Pague Menos nos diz que:

E a famosa história da vaia para o sol, em plena Praça do Ferreira, em 1942? Depois de três dias sem aparecer, o sol foi vaiado pelos cearenses que queriam mais chuva. O fato, verídico, marcou época e até hoje é lembrado como mais uma “presepada” made in Ceará. (Informatudo Pague Menos, ano 4, p. 12-13)

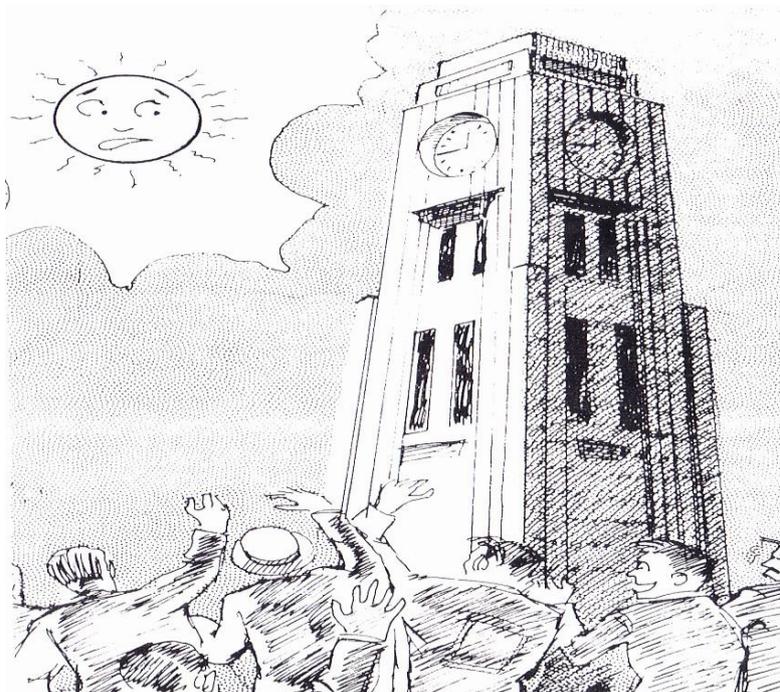


Figura 06: Rubens de Azevedo reconstitui, no seu lápis mágico, a Vaia do Sol na Praça do Ferreira (dia 30 de janeiro de 1942)
Fonte: JOB, 1992, p. 51.

O memorialista Miguel Ângelo de Azevedo, mais conhecido como Nirez, nos revela, em entrevista para o site G1 que “[...] de repente o sol apareceu e, como todo mundo esperava a chuva, o nosso astro rei levou aquela vaia”, e o pesquisador Gilmar de Carvalho, afirmou para o mesmo site que “A

vaia pode ser vista como um fato humorístico da capacidade de transformar tudo em humor que o cearense tem, mas também pela espera pela chuva, que foi abortada pela presença do sol naquele momento".

Esse tipo de protesto era algo bastante comum de ocorrer na Praça do Ferreira. Job (1992, p. 49) conta que, certo dia, quando um dos pneus de um carro fúnebre estourou, isso foi motivo para que os que frequentavam a praça naquele momento vaiassem estrepitosamente. O autor também conta outro episódio, ocorrido em 1920, quando o rei da Bélgica veio ao Brasil e, quando foi feito o seu cortejo pelas ruas, a maioria das pessoas manifestava carinho, porém, dois gaitos⁶, emitiram vaias e ficou constatado que eram dois cearenses, provenientes de Itapipoca. E o autor concluiu com a seguinte pergunta: “Se aqui no Ceará nem o Sol nem caixão de defunto escapavam das vaias, por que haveria de ser poupado o Rei da Bélgica?”.

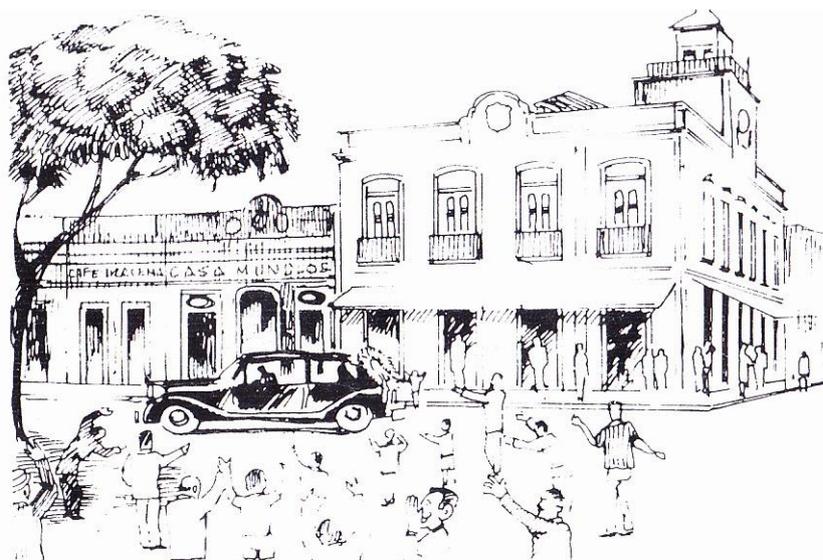


Figura 07: A vaia ao defunto, na Praça do Ferreira, vista pelo lápis de Rubens de Azevedo.

Fonte: JOB, Daniel Carneiro. Praça do Ferreira: o inédito, o sério e o pitoresco. Fortaleza: Fundação de Cultura e Turismo de Fortaleza, 1992. p. 50.

Segundo Leitao (2002), os frequentadores da Praça do Ferreira, nessa época, esperavam que passasse algum marreta⁷ e o vaiavam, muitas

⁶Gíria comum no Ceará que significa rapaz travesso e vadio.

⁷ Grupo político que surgiu no Ceará, após a deposição do presidente Nogueira Accioly, um dos mais influentes políticos do Ceará, para enfrentar o Rabelismo, grupo político que apoiava Marcos Rabelo, antigo governador do Ceará.

vezes até com palavras de insulto. O padre Emílio, uma outra figura do Ceará moleque, sugeriu que estes fossem humilhados com um castigo físico, e foi assim que surgiu o “dedo do povo”, popularmente conhecido como “dedada”.

Para Leitao (2002):

O DEDO DO POVO, depois simplesmente conhecida como DEDADA, é a mais original e depuradora instituição do Ceará-Moleque. Funcionava assim: Quando um marreta era agarrado pela turba exaltada da Praça, era posto de pé num banco, seguro por várias mãos e, ao estar completamente sujigado, alguém introduzia-lhe com veemência o dedo indicador no ânus, sem dó nem reza. Era o legítimo toque retal, perpetrado aos gritos na praça pública. A humilhação suprema. (LEITAO, 2002, p.44)

Além das vaias, outra característica marcante do Ceará moleque foram os apelidos, usados como forma de expor o apelidado ao ridículo, sendo utilizado principalmente para as autoridades detestadas pelo povo.

O comendador Nogueira Accioly⁸, por exemplo, era conhecido como babaquara, devido ao fato de viver se vangloriando ou, em expressão popular, se babando. Este mesmo, em troca, chamava o povo de arraia miúda. O presidente João Tomé de Sabóia e Silva⁹ (1916-1920), ganhou o apelido de manda-chuva. Faustino Albuquerque¹⁰ (1947-1951) também não escapou dos apelidos e foi alcunhado de chiquita bacana. Os representantes do alto clero foram igualmente apelidados. Dom Manuel da Silva Gomes¹¹ era conhecido como bolo confeitado e Dom Lustosa¹² como envelope aéreo.

Entretanto, podemos afirmar que o termo Ceará Moleque, apesar de datado do século XX, apareceu em uma obra literária em que a trama se passava em Fortaleza. O romance se chama *A Normalista*, de Adolfo Caminha e foi publicado originalmente em 1893. A obra retrata o cotidiano de uma Fortaleza

⁸Político brasileiro, presidente e um dos mais influentes políticos do Ceará durante a República Velha.

⁹Governador do Ceará de 1916 a 1919 e senador entre 1921 e 1930.

¹⁰Advogado e político brasileiro, governador do Ceará de 01 de março de 1947 a 31 de janeiro de 1951.

¹¹ Terceiro bispo do Ceará e primeiro arcebispo de Fortaleza.

¹² Bispo católico brasileiro.

provinciana. Caminha (1997) buscou criar uma crônica social e, portanto, o termo moleque passou a ser interpretado negativamente como canalhismo de província.

Um espírito que varia na ironia mais viva e pungente à sátira procaz, da simples anotação humorística ao pitoresco dum rótulo definitivo para homens e coisas. Não é dos menores por certo, ao contrário do que pareça, o título de Ceará Moleque, tantas vezes lançado pejorativamente ao mesmo berço de Alencar, em contraposição aos outros apelativos de 'Terra da Luz' e 'Terra do Sol'" (LIMA, 1977, P.110)

Outra figura muito importante era o Chagas dos Carneiros, “[...] magro, alto, tinha nariz grande e adunco, porém, cego”, é a descrição informada por Ponte (1993, p. 181). Chagas costumava passear com três carneiros, cada um pintado com uma cor e tinham nomes de conhecidos presidentes republicanos: Afonso Pena, Rodrigues Alves e Campos Sales.



Figura 08: O “Chagas dos Carneiros”, um dos tipos populares da cidade nos anos 10
Fonte: PONTE, 1993, p. 182

Um elemento que exerceu grande influência sobre esse período foi o jornal, que publicava artigos de humor que sempre tinham o real intuito de manter uma hierarquia social. É o que nos explica Silva (2009).

Em resumo, ficou comprovado que o “humor costumbrista” buscava por meio do riso corrigir, regular e modelar hábitos. Um riso com a função de correção e de flexibilização do desvio social. Através da prática cômica (caráter ético-moral), se provocava o sentimento de vergonha e de embaraço, para que o elemento desviante (com comportamento não civilizado), ao ser constrangido, consertasse e/ou internacionalizasse o que esperava e impunha a classe dominante, desejosa que estava de fazer reconhecer como necessária e incontestável a implantação de uma sociedade mais humana e moderna. (SILVA, 2009, p. 178)

Foi em meados de 1980, que surgiram em Fortaleza os conhecidos humoristas, muitos deles oriundos do teatro, estes, realizavam apresentações em bares, pizzarias, restaurantes, teatros, etc, dando início aos *shows* de humor que até hoje fazem sucesso.

Um desses exemplos é Chico Anysio. O humorista é considerado um dos mais criativos e bem-sucedidos do Brasil. É um artista diferenciado por sua vasta gama de criação de personagens, totalizando mais de duzentos, sendo a grande maioria deles interpretados na televisão. Mas foi com o personagem Professor Raimundo que ele se destacou, ganhando um programa de tv, a *Escolinha do Professor Raimundo*. Este personagem fazia uma crítica a situação do magistério. O lado social era sempre representado pelo humorista. É o que fica claro na seguinte citação de Viana (2012):

Uma das marcas do seu humor é a preocupação social, que transparece na criação de personagens como o professor Raimundo – uma crítica à situação econômica do magistério – ou Justo Veríssimo – que representa o avesso da hipocrisia dos políticos ladinos em mascarar seu desprezo pelo povo. A criação de personagens como esses reforça a concepção que tinha do humor; o riso devia fazer pensar, revelando as deformações do indivíduo e as injustiças sociais. (VIANA, maio, 2012, p. 34)

Foi por intermédio de Chico Anysio que muitos outros humoristas deram um maior impulso a sua carreira (ele sempre incentivou os novos talentos). Um deles, Antônio José Rodrigues Cavalcante, mais conhecido como Tom Cavalcante, iniciou sua carreira como locutor de rádio e se tornou famoso em âmbito nacional após participar dos programas de Chico Anysio na televisão, interpretando personagens de sua própria autoria, sendo mais conhecido com o João Canabrava, conforme explica o site “fiquei sabendo”. Anos mais tarde, o

comediante ganhou programas próprios e, nestes, procurou sempre dar oportunidade a novos humoristas através de concursos de humor.

Também renomado é Renato Aragão, mais conhecido pelo seu personagem Didi Mocó Sonrisal Colesterol Novalgino Mufumbo, ou somente Didi, nascido em Sobral, município cearense, obtendo fama a partir dos anos 1970, quando participou da série televisiva Os Trapalhões, após mudar-se para o Rio de Janeiro, conforme informações coletadas no blog liberdade de expressão. Em 1997, o programa Os Trapalhões entrou para o *Guinness Book*, o livro dos recordes, como a comédia que permaneceu mais tempo em exibição na TV.

Tais humoristas divertem o público e se divertem junto com eles, pois o público também faz parte da brincadeira e das piadas, é o chamado “ator brincante” que vai variar conforme a sua apresentação e o seu público. É o que nos explica Barroso na seguinte passagem:

Mais do que apresentar ou que representar, o termo brincar parece mais adequado para designar o fazer do ator brincante. Na brincadeira, rigorosamente, não se apresenta, não se representa, simplesmente se brinca. Brinca-se no sentido de que os brincantes apenas se divertem, junto com o público, que também faz parte da brincadeira. E aqui se usa o termo brincar, na acepção mesma de brincadeira infantil. Mas de uma brincadeira infantil coletiva (como são mesmo a maioria das brincadeiras infantis), na qual os brincantes, a partir de um acordo sobre uma estrutura, vivem uma outra vida, uma vida de faz de conta, improvisando livremente (BARROSO, 2004, p. 84-5)

E foi a partir da década de 1990 que essa grande onda de *shows* de humor ganhou um maior destaque, visto que alguns dos profissionais foram contratados pelas emissoras de televisão para fazerem programas humorísticos, até mesmo em âmbito nacional. E é dessa forma que permanece até os dias atuais a irreverência cearense que se tornou conhecida desde o Ceará moleque.

2. RISO, HUMOR E CONCEPÇÕES EM CULTURA

Neste capítulo, abordaremos os conceitos referentes a riso e humor, proporcionando um maior embasamento teórico sobre o tema. Em seguida, apresentamos a etnografia e o repertório cultural cearense. Por fim, apresentaremos as definições de cultura, bem como também a cultura brasileira, para que se possa entender mais sobre o assunto em análise.

2.1 Conceitos e inter-relações entre riso e humor

Para compreender o riso, é necessário entender a sua real função, que se pode dizer que é uma função social, colocando-o no seu ambiente natural: a sociedade. Apontando o seu significado físico, segundo o dicionário virtual Michaelis¹³, o riso é o “conjunto de contrações e movimentos da boca e das faces que a gente faz quando ri”. Mas o riso não pode ser considerado apenas como um movimento de contração gestual, ele esconde uma segunda intenção de entendimento com outros ridentes, pois, podemos afirmar que na, maioria das vezes, não rimos sozinhos, estamos sempre sorrindo com alguém ou até mesmo de alguém, ou lembrando de algo, ocasionalmente, é que nos pegamos rindo sozinhos.

Também podemos dizer que o riso, muitas vezes, aponta um determinado erro ou falha, variando conforme a época e a cultura, enfim, pode ser um riso coletivo, intolerante e conservador que pune, severamente, aquele que não observa as regras sociais de convivência, muitas pessoas têm o costume de rir dos erros ou defeitos dos outros, muitas vezes sem olhar para si. Quando se ri de alguém, qualquer pessoa sente-se, num determinado momento, superior a outra, examinando sua maneira, é possível rir de si mesmo, porém é bem mais comum rir do outro, visto que descobrir o ridículo em uma pessoa,

¹³ Disponível em http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/definicao/riso%20_1038339.html. Acesso em 04 de maio de 2015.

pode elevar a autoestima da que está rindo, é o chamado riso de zombaria. Em outras palavras, o prazer do cômico está na percepção de nossa superioridade sobre os defeitos da pessoa de quem se ri. Esse pode ser considerado o caráter maléfico e depreciativo do riso, pois pode figurar como uma espécie de trote social, sempre um tanto ofensivo para quem é alvo dele. É o que fica claro na seguinte citação:

É tão doce maldizer o próximo, descreve Quinault:
Sem a doçura que se experimenta em maldizer,
Há poucos prazeres sem tédio
Nada é tão agradável quanto rir
Quando se ri à custa do outro
(QUINAULT apud MINOIS, 2003, p. 385).

O riso é uma das coisas mais comuns que todos nós fazemos. É, portanto, universal na espécie humana. Ele desarma as pessoas, ou seja, cria uma ponte entre elas e facilita o comportamento, funcionando como uma ferramenta indispensável para nossa sobrevivência.

Cada pessoa ri de um determinado fato ou de alguém, de maneira que o que é engraçado para um pode não o ser para outro. O sorriso ou gargalhada também varia, conforme uma determinada cultura ou época. Para o antropólogo Roque de Barros Laraia (2006), os homens riem, mas de diferentes formas, dependendo do motivo, e ele testemunha:

A primeira vez que vimos um índio rir foi um motivo de susto. A emissão sonora, profundamente alta, assemelhava-se a imaginários gritos de guerra e a expressão facial em nada se assemelhava com aquilo que estávamos acostumados a ver. Tal fato se explica por que cada cultura tem um determinado padrão para este fim (LARAIA, 2006, p. 69).

O riso, quando aplicado ao exemplo dos *shows* de humor, normalmente é provocado quando a piada é contada pela primeira vez, quando a mesma é desconhecida para o ouvinte, e esta nos faz rir pelo seu fim inesperado, porém, quando ouvimos a mesma piada mais vezes, o riso não é suscitado ou, quando o é, não é da mesma forma, será um riso mais calmo e fraco, muitas vezes consigo próprio, pois por já conhecer o término da história,

não há mais o efeito de surpresa ao ouvinte, portando, o surto de riso é como um sobressalto.

Propp (1992) nos explica que existem vários tipos de riso:

O riso pode ser alegre ou triste, bom e indignado, inteligente e tolo, soberbo e cordial, indulgente e insinuante, depreciativo e tímido, amigável e hostil, irônico e sincero, sarcástico e ingênuo, terno e grosseiro, significativo e gratuito, triunfante e justificativo, despudorado e embaraçado. Pode-se ainda aumentar esta lista: divertido, melancólico, nervoso, histérico, gozador, fisiológico, animalesco. Pode ser até um riso tétrico! (PROPP, 1992, p. 27 e 28)

Esse primeiro riso mencionado, o de alegria, é extremamente necessário socialmente, porque é ele que manifesta a alegria de viver, facilitando o relacionamento entre as pessoas e elevando o tônus da vida, além de promover efeitos positivos em nossos contatos sociais.

O riso é frequentemente associado com a expressão de emoções positivas, e não é em vão, pois pesquisas apontam que a afirmativa é verídica, tendo em vista que riso e humor diminuem estresse e ansiedade (propriedades terapêuticas), portanto, podemos mencionar a famosa frase que diz que sorrir é o melhor remédio. É o caso do projeto chamado Terapia do Riso¹⁴, diversas formas de utilizar o lúdico e a brincadeira, com pacientes em estado grave nos hospitais.

Já em relação ao humor, podemos afirmar que é um estado de ânimo cuja intensidade representa o grau de disposição e de bem-estar psicológico e emocional de um indivíduo. Seu significado é apresentado pelo dicionário virtual Michaelis¹⁵ como sendo a capacidade de compreender, apreciar ou expressar coisas cômicas, engraçadas ou divertidas.

Outra definição é a que Saliba (2002) nos apresenta:

O humor, que originalmente significava líquido em referência às substâncias líquidas que circulavam pelo corpo, foi definido

¹⁴ Projeto que busca trazer alegria a pacientes de hospitais, principalmente os que estão em estado grave, com palhaços e brincadeiras.

¹⁵ Disponível http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/definicao/humor%20_980268.html. Acesso em 04 de maio de 2015.

como um tipo de estímulo que tende a desencadear aquele reflexo motor, produzido pela contração coordenada de quinze músculos faciais – acompanhado pela alteração da respiração e por certos ruídos irreprimíveis. (SALIBA, 2002, p. 19)

Esse conceito expressa o significado do humor e do riso em um consenso a que chegaram inúmeros filósofos, de Aristóteles a Hobbes¹⁶, de Platão a Georges Bataille¹⁷.

Freud¹⁸ também tentou entender o humor, ratificando as teorias antes mencionadas neste trabalho de que normalmente se ri de alguém e do seu erro e de que o riso é causado por efeito de surpresa.

Caracterizando o humor como um ato de regressão, Freud também refletiu extensamente sobre os efeitos tranquilizadores e 'positivos' das técnicas humorísticas. Como muitos teóricos do riso, reconhecia que um comediante, quando conta uma anedota, começa deliberadamente com a intenção de criar nos ouvintes certa tensão, que aumenta até um desfecho do tipo 'guilhotina verbal', que reverte drasticamente as expectativas da platéia. Relembrando que o móvel do riso é 'a repentina transformação de uma expectativa em nada', Freud descreveu o humor como uma 'ruptura de determinismo', acrescentando que esta ruptura é acompanhada também por uma ruptura de previsão – só se poderá chegar ao riso se esta for uma nova previsão tranquilizadora. Evidentemente, se fui eu que escorreguei numa casca de banana, não serei eu que vou rir [...] (SALIBA, 2002, p. 23).

Podemos assim dizer que humor é uma atitude através da comunicação (oral ou gestual) que faz com que pessoas sintam-se felizes, deem boas gargalhadas e divirtam-se com o apresentado.

Bremer e Roodenburg (2000) definem o humor como uma mensagem com intenção de provocar um riso ou um sorriso. Assim, o humor pode até ser entendido como meio de satisfazer a necessidade de alegria.

O humor é divertido e sério ao mesmo tempo; é uma qualidade vital da condição humana. Ele quase sempre reflete as percepções culturais mais

¹⁶Matemático, teórico político, e filósofo inglês, autor de *Leviatã* (1651) e *Do cidadão* (1651).

¹⁷ Escritor francês que abordava temas como o erotismo, a transgressão e o sagrado em suas produções e cuja obra se enquadra tanto no domínio da Literatura, como no campo da Antropologia, Filosofia, Sociologia e História da Arte.

¹⁸ Neurologista austríaco e fundador da psicanálise.

profundas e nos oferece um instrumento poderoso para compreensão dos modos de pensar e sentir moldados pela cultura.

Por meio de um olhar sociológico, podemos dizer que o humor requer a cumplicidade do ouvinte, e gera uma simpatia, vinda da solidariedade diante das desgraças e dificuldades do grupo social, profissional, humano, é uma espécie de arma protetora contra a angústia, com uma dimensão defensiva, tendo em vista que muitas vezes o sorriso faz com que as pessoas esqueçam seus problemas momentaneamente. Baseando-se nas palavras de Keith Cameron, Minois (2003) explica o humor da seguinte forma:

O humor, escreve Keith Cameron, 'foi sempre uma fonte de consolo e uma defesa contra o desconhecido e o inexplicável. A própria existência do homem pode ser considerada como uma brincadeira; sua significação está mal definida e é difícil explicá-la fora da religião'. O humor moderno é menos descontraído que o de séculos passados, porque incide não mais sobre este ou aquele aspecto da vida, mas sobre a própria vida e seu sentido, ou sua ausência de sentido. Quanto à ironia, aos olhos de muitos é indispensável, em nossos dias, nas questões sociológicas. (MINOIS, 2003, p. 569)

Enfim, riso e humor são características universais e particulares, tendo em vista que todo ser humano pode rir e fazer rir (fenômenos que sempre acompanharam a humanidade), contudo, o modo como se ri e o motivo pelo qual se ri estão condicionados pelo sistema cultural de cada grupo ou sociedade, determinante do seu processo de formação.

A irreverência do povo cearense está tão presente atualmente como no século XIX, e essa identidade do cearense pode ser encarada como uma espécie de reivindicação desse povo que tem repulsa em perder-se no meio das múltiplas referências culturais. Esse traço característico do cearense apenas varia conforme o contexto social em que se encontra.

2.2 Cultura: definições e aspectos sociais

Cultura é algo que faz parte de todos nós, que está presente no nosso dia-a-dia, nos costumes, crenças e hábitos, incluindo também o conhecimento, que podem ser adquiridos em família. Portanto, nas Ciências Sociais costumamos dizer que a cultura pode ser classificada como um conjunto de comportamentos, ideias e práticas sociais, transmitidos a cada geração, configurando a vida em sociedade e a herança cultural. Castro (2005), em uma seleção de textos da década de 1980, publicado em 2005, valendo-se das palavras de Tylor, nos diz que:

Cultura ou Civilização, tomada em seu mais amplo sentido etnográfico, é aquele todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem na condição de membro da sociedade. (CASTRO, 2005 (org.), p. 69)

A cultura é algo social, acumulando experiências humanas ao longo de vários séculos, representando uma conquista, um artifício de obstinações e de diversos intercâmbios no tempo e no espaço. Ou seja, podemos afirmar que ela determina o comportamento do homem. Mas essa mesma cultura também pode ser determinada, pois esta pode mudar e se transformar ao longo do tempo, readaptando-se de maneira a se modificar a cada geração, incorporando ou até mesmo perdendo alguns aspectos, está sempre em constante desenvolvimento.

Em outras palavras, a cultura faz parte da identidade dos seres humanos de diferentes épocas e sociedades. Para Bosi (2002):

A antropologia e a sociologia, por sua vez, informam-nos de que a identidade, quer pessoal, quer social, é sempre socialmente atribuída, socialmente mantida e também só se transforma socialmente. (BOSI, 2002, p.183)

Cada país apresenta uma determinada cultura, que pode ser influenciada por fatores diversos. No Brasil, por exemplo, ela é marcada pela alegria de seu povo, bem como também pelo samba, que de acordo com Ortiz (2003), instrumentistas, dançadores e cantadores principiam o elemento coreográfico com essa música, e o carnaval. Ainda para Ortiz (2003, p. 45 e 72)

“A cultura nacional pressupõe um grau de desterritorialização, liberando os indivíduos do peso das tradições regionais geograficamente enraizadas” e que “Não é difícil perceber como as culturas se realizam no marco de suas territorialidades”.

No Ceará, especificamente, a alegria e o riso do povo são bem mais marcantes, desde os tempos do Ceará Moleque, que foi apresentado no capítulo anterior, representando a cultura do cearense.

2.3 Composição étnica e repertório cultural cearense

Para uma melhor compreensão sobre como o cearense foi construindo seu caráter cômico no decorrer dos séculos, se faz necessário primeiramente conhecer um pouco mais sobre as etnias e as marcas hereditárias de tal povo, que enfrenta as dificuldades do cotidiano transformando suas desventuras em piada ou deboche, e que tornou-se um traço cultural identitário. Tais fatos serão apresentados nesta subseção.

As terras cearenses foram primeiramente habitadas pelos indígenas, porém não se sabe quantos índios viviam no Ceará na época da chegada europeia, no início da colonização. Os nativos estavam agrupados em cinco grupos: Tupis, Cariris, Tremembés, Tarairius e Jês. Contudo, o branco colonizador fez com que a maioria dos índios fossem catequizados e civilizados, outros exterminados e pequenos grupos que se interiorizaram para sobreviver à inversão. Foi então que ocorreu o chamado processo de aculturação, em que duas culturas diferentes se encontram e uma se sobrepõe a outra.

Bourdieu (1989) aponta esse processo em que uma cultura que é chamada de dominante se sobrepõe a outra(s), que por sua vez é denominada de subcultura, da seguinte forma:

As ideologias, por oposição ao mito, produto coletivo e coletivamente apropriado, servem interesses particulares que tendem a apresentar como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo [...] Este efeito ideológico, produz-lo a cultura dominante dissimulando a função de divisão na função de comunicação: a cultura que une (intermediário da comunicação) é também a cultura que separa (instrumento de distinção) e que

legítima as distinções compelindo todas as culturas (designadas como subculturas) a definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante. (BOURDIEU, 1989, p. 11)

Dessa forma, o índio foi aculturado e por vezes até mesmo escravizado, pondo fim a diversas tribos, que não resistiram a ação dos missionários católicos. Todavia, todos reagiram de modo heroico contra tal dominação europeia escapando dos aldeamentos ou lutando contra os invasores. Em relação ao perfil étnico dos cearenses, Souza (2000) nos explica que:

Pelo censo de 1991, o perfil étnico do Ceará continua com o mesmo rosto mostrado pelas primeiras estatísticas, com a presença indígena, que teima em não desaparecer por mais que forças antagônicas tenham-se esforçado no sentido contrário, predominando de forma ampla um povo de cara mestiça-parda. (SOUZA (org.), 2000, p. 106)

Os povos indígenas nos deixaram uma vasta herança cultural, que vai além de um conjunto de palavras. A culinária brasileira, por exemplo, herdou diversas práticas da cultura indígena, bem como a utilização da mandioca e seus derivados, o costume de se alimentar com frutas e peixes e etc. Também herdamos a crença nas práticas populares de cura de a enfermidades derivadas das plantas, além da vontade de andar descalços, a utilização de redes e algumas técnicas de artesanato, bem como enfeites ornamentados com escamas de peixe, sementes ou penas e bolsas trançadas de fios e fibras. Enfim, podemos afirmar que a identidade cultural do nosso povo demonstra uma integração notória dos hábitos miscigenados.

Ainda durante esse processo de colonização das terras, foram trazidos negros africanos para servir como força de trabalho escravo e, aos poucos, esses africanos foram-se incorporando ao processo de ocupação das terras e da construção da história da sociedade cearense, é o que nos explica Sousa (2000).

Contudo, os escravos também possuíam os seus espaços lúdicos, buscados nos seus momentos de lazer nos folguedos religiosos, em que se mesclavam o sagrado e o profano através dos batuques e das danças,

funcionando como uma espécie de ruptura com a vida cotidiana e, nesses momentos, que o riso se tornava mais frequente, proporcionando momentos de alegria. Foi dessa forma que o Ceará herdou o maracatu, ritmo representativo por suas apresentações no carnaval em Fortaleza nos dias atuais, bem como também o samba.

É interessante mencionar que o Ceará foi a primeira província do Brasil a abolir o sistema escravocrata do seu território, quatro anos antes da promulgação da Lei Áurea¹⁹ e, devido a tal fato, o Estado é conhecido como “terra da luz”, ou como o “berço da liberdade”.

Moura (2012) nos explica que os três principais elementos que fizeram parte da formação étnica de tal povo foram o aborígine²⁰, o branco de predominância portuguesa e o negro, pois a pilhéria, o riso, a galhofa, foram características pertencentes tanto aos indígenas quanto aos negros, enquanto do povo português foi herdada a inteligência e a força. E assim surgiu o mestiço cearense, portando traços desses três povos. Moura (2012) nos explica da seguinte forma:

O mestiço é gente alegre, divertida e de notável adaptabilidade. O mestiço cearense não é o povo triste a que se refere Paulo Prado, em relação ao brasileiro. Ao visitar o Ceará, em 1944, Alfredo Teodoro Rusins esperava ‘encontrar caras tristonhas’. Deparava-se, porém, com o ‘espírito jovial’, ressaltando que o rosto do cearense reflete alegria sã (Revista Contemporânea, no 39, 1944, p. 23 *apud* MOURA, 2012, p. 22).

Por fim, podemos afirmar que o povo do Ceará, em qualquer terra em que esteja, irá difundir a sua cultura e transmitir a sua alegria, pois é uma característica nata pertencente a tal região, apesar de enfrentar dificuldades. O cearense possui a graça de transformar o choro em riso.

¹⁹Sancionada em 13 de maio de 1888, foi a lei que extinguiu a escravidão no Brasil, assinada pela princesa Isabel.

²⁰ Povo indígena.

3. POLÍTICAS CULTURAIS E HUMOR NO ESTADO DO CEARÁ

O tema em análise do humor, do riso e da molecagem cearense como cultura e as políticas existentes para essa arte é uma temática pouco pesquisada, por isso, exige que sejam feitas pesquisas de campo.

A importância e a metodologia foram apresentadas na introdução deste trabalho e para que sua realização seja válida se faz necessário apresentar a análise dos dados provenientes desta pesquisa, realizada sob orientação dos autores abordados na fundamentação teórica.

Neste capítulo são apresentadas definições para cultura e políticas culturais, bem como também os dados coletados por meio da pesquisa de campo. Foram realizadas duas entrevistas semi-estruturadas, com o diretor do Teatro Chico Anysio, Jader Soares, e com o responsável pelo projeto “Terça de Graça”, Bené Barbosa, além de uma observação participante e registro iconográfico.

3.1 Políticas culturais: definições e importância

A cultura e a sua produção estão relacionadas com vivências, prática e com o produto das relações sociais. Há diversas formas de se produzi-la, sempre levando em consideração a coletividade. Pensar cultura é algo que algumas vezes se torna complexo e, portanto, ela deve ser explorada, experimentada e debatida.

Deste modo, é importante refletir sobre a sua dinamicidade e o setor cultural brasileiro, expandindo discussões para alavancar o desenvolvimento. Vale ressaltar também, de acordo com as palavras de Poerner (1997, p. 105) que “[...] tal como a educação, a cultura tem que integrar a administração pública [...]”, daí a necessidade da criação de projetos de incentivo à temática.

Ortiz (2003, p. 84) nos explica a questão da participação do Estado no âmbito cultural da seguinte forma:

Aprender a atuação do Estado na esfera cultural é na realidade inserir a política governamental dentro deste processo mais amplo que caracteriza o desenvolvimento brasileiro. O Estado é um elemento fundamental na organização e dinamização deste mercado cultural, ao mesmo tempo que nele atua através de sua política governamental. (ORTIZ, 2003, p. 84)

Para entendermos melhor a participação do Estado na esfera cultural, precisamos primeiro entender o que é uma política cultural. Esta política diz respeito a um conjunto de ações e medidas institucionais desenvolvidas pelas empresas privadas, e/ou pela administração pública e/ou até mesmo de iniciativa da própria sociedade. Coelho Neto (1997, p. 292) a define como a “[...] ciência da organização das estruturas culturais [...]” que tem por intuito “[...] o estudo dos diferentes modos de proposição e agenciamento dessas iniciativas, bem como a compreensão de suas significações nos diferentes contextos sociais em que se apresentam [...]”.

Outro autor que nos apresenta essa definição é Canclini (2001, p. 65) da seguinte forma:

[...] conjunto de intervenções realizadas pelo Estado, instituições civis e grupos comunitários organizados a fim de orientar o desenvolvimento simbólico, satisfazer as necessidades culturais da população e obter consenso para um tipo de ordem ou de transformação social.

Ainda em relação a uma política cultural, podemos afirmar que ela deve levar em consideração a identidade da região onde será aplicada, bem como também o seu povo. É importante ressaltar que, conforme mencionado no capítulo anterior, cada país possui a sua cultura e, no caso do Brasil, especificamente, ela vai variar conforme as regiões.

Contudo, no caso de uma política nacional, é importante que não se supervalorize uma determinada localidade, é o que nos explica a UNESCO na seguinte citação:

Convém formular uma política cultural nacional destinada a fomentar a identidade e a criatividade culturais [...] Semelhante política deve conter diretrizes que salvaguem o desenvolvimento cultural nacional, ao mesmo tempo que

facilitem o conhecimento das demais culturas. Cada cultura realça sua própria identidade, comparando-se com as outras. (UNESCO, 1983, p. 70)

Para a idealização e realização desta política, fazem-se necessários procedimentos administrativos com distintos objetivos e modalidades, preferencialmente estimulando a participação da população.

De maneira geral, podemos afirmar que as instituições públicas são muito criticadas sobre a forma como conduzem a gestão de seus equipamentos culturais. Portanto, a sociedade pode estar mais presente e participar das decisões que definem os rumos dessa gestão, ou seja, devem participar do processo.

Marcellino (1996, p.27) apresenta a seguinte definição para participação cultural:

É uma questão de cidadania, de participação cultural. Entendo por participação cultural a atividade não-conformista, mas crítica e criativa, de sujeitos historicamente situados. Entendo, ainda, a participação cultural como uma das bases para a renovação democrática e humanista da cultura e da sociedade, tendo em vista, não só a instauração de uma nova ordem social, mas de uma nova cultura. Isso não significa o isolamento do plano cultural, do social e do econômico, mas tão-somente, que não cabe justificar o imobilismo pela existência de uma ordem social adversa. (MARCELLINO, 1996, p. 27)

O assunto que deve fundamentar as discussões é a acuidade da cultura como elemento eficaz para a criação de sujeitos críticos, e para a construção de espaços públicos e democráticos, de forma que a heterogeneidade cultural encontre caminhos de expressão, propiciando uma multiplicidade de manifestações, e que as diversidades e conflitos possam conviver.

A cultura possibilita a criação de projetos coletivos, de suma necessidade, num momento em que novas tramas precisam ser tecidas. Para isso, o ideal é de que se obtenha a participação e engajamento da população, que usufruirá de tais projetos após a sua execução, em parceria com os órgãos públicos e as secretarias.

Nesse sentido, cabe às prefeituras, secretarias e aos órgãos públicos de administração em geral, a busca de soluções para

realizar transformações e adaptações necessárias no espaço de lazer, de forma que a população seja envolvida no processo, que seja levada em conta a relação de apropriação que os cidadãos estabelecem com o espaço urbano como um todo e, mais especificamente, com o espaço de lazer. E para que isso se viabilize, é necessário trabalhar com estratégias de ação que privilegiem a participação da população. (PELLEGRIN, 1996, p.36)

Enfim, é importante que sejam criadas políticas culturais pelos órgãos do Governo, bem como também estimular a participação popular na esfera política cultural.

3.2 O Teatro Chico Anysio e o Museu do Humor Cearense

Em homenagem ao humorista Chico Anysio, mencionado no primeiro capítulo, foi criado um lugar importante para o humor no Estado, o Teatro Chico Anysio (TCA), fundado pelos irmãos Jader Soares, mais conhecido pelo seu personagem Zebrinha, e Chico Soares, em 13 de junho de 1991 e está localizado na Avenida da Universidade, número 2175, em Fortaleza.

De acordo com Jader Soares, diretor do teatro e presidente da Associação dos Humoristas, o Teatro Chico Anysio surgiu com a necessidade da criação de um espaço para que ele e outros humoristas do Estado pudessem apresentar o seu talento, tendo em vista que nos anos 1990 não existiam muitos locais.

É no TCA que funciona o Escritório do Riso, um local próprio para estudar o humor do Ceará, fundado em abril de 2002, sobre os cuidados de Jader Soares. As reuniões sempre acontecem às segundas-feiras durante o período da noite e os profissionais do humor se encontram para discutir o assunto. Lá também acontece uma exposição permanente de fotos e é possível encontrar um acervo de mais de dois mil livros sobre o tema, sendo propício para pesquisa e palestras.



Figura 09: Escritório do riso
Fonte: Arquivo pessoal da autora

No dia primeiro de abril desse ano de 2015, o Escritório do Riso promoveu o XXVII Festival de Mentiras, em comemoração ao dia da mentira, resgatando a história do cajueiro botador, popularmente conhecido como cajueiro da mentira, ocorrendo na famosa Praça do Ferreira, assim como todos os anos anteriores, representando o repertório cultural do povo cearense, por meio do escárnio e do deboche, elementos fortes em nossa cultura. O vencedor recebeu o troféu Pantaleão, que possui tal nomenclatura em alusão ao personagem de Chico Anysio que contava causos, além da premiação de um real em dinheiro.

No Teatro Chico Anysio, funciona ainda o Museu do Humor Cearense (MHC), que tem permitido que essa cultura seja difundida ao longo das décadas, mostrando o quão importante o riso e o humor se fizeram na vida dos cearenses.

No MHC, existem alguns objetos que pertenceram ao humorista Chico Anysio, como por exemplo troféus, placas e estatuetas em sua homenagem e a última bata utilizada pelo seu famoso personagem professor Raimundo, além da urna funerária das cinzas deste grande ícone do humor cearense e um quadro inacabado pintado pelo artista (figura 10), congelando fatos e transformando-os em memória.



Figura 10: Sala da urna funerária de Chico Anysio
Fonte: Arquivo pessoal da autora

Outro espaço importante de se ressaltar é a Biblioteca Professor Raimundo (figura 11), onde são expostos livros exclusivos de humor, dentre eles todos os vinte e sete escritos por Chico Anysio, este é um espaço rico em conhecimento para a temática do humor cearense para aqueles que desejam estudar tal assunto e até mesmo para os que possuem curiosidade sobre o tema.



Figura 11: Biblioteca Professor Raimundo
Fonte: Arquivo pessoal da autora

O corredor que dá acesso ao Teatro apresenta o nome de Praça Do Ferreira (figura 12), pois é marcado por elementos que identificam este local e a famosa molecagem cearense, bem como o bode loiô, o cajueiro da mentira, a vaia ao sol, a coluna da hora, etc. conforme estudado no primeiro capítulo.



Figura 12: Corredor Praça do Ferreira
Fonte: Arquivo pessoal da autora

Na sala Cine Holliúdy (figura 13) existe um espaço próprio para homenagear ao filme cearense campeão de bilheteria no ano de 2013, com alguns figurinos do elenco, fotografias, roteiro, boneco ventríloquo que participou do filme e um espaço para tirar fotos.

Decerto, cada Estado do Brasil apresenta seu modo específico de falar e se expressar, uma vasta gama de diversidade cultural e o filme representa o autêntico nordestino, com seus dialetos específicos, o que justifica o seu sucesso.



Figura 13: Sala Cine Holliúdy
Fonte: Arquivo pessoal da autora

Podemos citar também a sala de vídeo, um espaço destinado a apresentação de vídeos de humor ou de teatro para o público de escolas e para

visitantes em geral, além de palestras e as reuniões da Associação dos Humoristas Cearenses. Também há um espaço destinado à venda de produtos como livros, DVD's, lanches, chaveiros e outras lembrancinhas em geral que remetem ao humor do Estado, é a chamada “bodega do riso”, nomenclatura mais cearense impossível!

Por fim, o Teatro Chico Anysio (figura 14), que é totalmente climatizado, com poltronas confortáveis e capacidade para até 120 pessoas, funcionando de terça à quinta, das 9h às 19h, e de sexta a domingo, das 9h às 22h. O ingresso custa R\$20,00 (vinte reais) a inteira e R\$10,00 (dez reais) a meia, com visita ao museu inclusa nesse valor.



Figura 14: Teatro Chico Anysio
Fonte: Arquivo pessoal da autora

3.3 Humor cearense e políticas públicas culturais

Tal estudo teve o intuito de identificar as possíveis políticas públicas voltadas para o incentivo à cultura do humor cearense. A pesquisa foi realizada por meio da aplicação de duas entrevistas semi-estruturadas, que é caracterizada por seguir um roteiro com um número reduzido de questões subjetivas. De acordo com Thiollent (1980), ela é intensiva, pois existe um

pequeno número de entrevistados, mas com uma maior abertura no caráter das perguntas.

As entrevistas foram realizadas com dois atores, ambos humoristas, um deles é o diretor do Teatro Chico Anysio e presidente da Associação dos Humoristas (ASSO-H) Jader Soares, que interpreta o personagem Zebrinha. O outro, Bené Barbosa, que interpreta o personagem Papudim e é o responsável pelo projeto “Terça de Graça”, em parceria com a Secretaria de Cultura do Estado do Ceará (SECULT).

No tocante a organização dos humoristas no Ceará, Jader comenta que esta foi a maneira encontrada para formalizar as reuniões, onde acontecem palestras sobre humor, é discutido valor de cachê, repertório, se as abordagens utilizadas através das piadas são adequadas ou não, são formados grupos para espetáculos, bem como também a constante luta por editais por parte da Secretaria de Cultura do Estado (SECULT) e da Secretaria de Cultura de Fortaleza (SECULTFOR). A Associação dos Humoristas (ASSO-H) “[...] surgiu na intenção de ter uma entidade de classe para trocar ideias e amadurecer projetos para fortalecer a política pública para o humor”.

No dia 12 de junho de 2013, o Governo do Estado do Ceará, através da Secretaria da Cultura (SECULT), lançou o I Edital Humor no Ceará, criado com o objetivo de “[...] identificar e difundir o humor do Ceará, voltado para os segmentos de Circulação (Show de Humor), Manutenção (Aquisição de Equipamentos: Som; Iluminação; Figurino; Gravação CD/DVD) e Formação (Curso, oficina, workshop)”, selecionando projetos e ações voltadas para a temática do humor. O prêmio citado teria o valor de 500 mil reais, e essa foi uma conquista da associação.

Jader nos explicou sobre o Festival do Humor Cearense (FHC), que está em sua XII edição, acontecendo sempre no mês de Agosto, na cidade de Iguatu, interior do estado do Ceará, em parceria com o Serviço Social do Comércio Ceará (SESC-CE). Ou seja, uma iniciativa público-privada também apoia iniciativas voltadas a cultura do humor. Ele nos conta que “[...] a ideia do festival é levar o humor para o interior do Ceará”. Esta iniciativa é importante

para “expandir os horizontes do humor” no Estado. O festival funciona com apresentações de humoristas cearenses e, em alguns anos, acontece uma amostra competitiva, que visa promover novos talentos.



Figura 15: Folder indicativo do XII Festival de Humor Cearense

Ainda de acordo com o nosso entrevistado, quando questionado se existem políticas públicas de incentivo ao humor, ele nos disse que “quase que não existem”, pois “tem para o teatro e circo, mas no humor tem essa trava e nós ainda não entendemos porque isso acontece”. O que nos leva a questionar o motivo disto acontecer, se seria uma forma de desvalorização em relação ao humor cearense, que pode não ser considerado como arte, ou se não há verba por parte das Secretarias de Cultura.

De acordo com ele, “no Ceará, a linguagem artística mais conhecida é a do humor”. Jader nos disse que o único edital que o Governo do Estado promoveu para o humor foi o Edital Humor no Ceará, conforme mencionado anteriormente.

Enquanto o segundo entrevistado, Bené Barbosa, cita que existem editais, mas que eles não construíram para o humor cearense, pois, muitas vezes, acontecem apenas em épocas de campanhas eleitorais. Para o

entrevistado, o governo não deve sustentar o artista, pois quem o sustenta é a sua plateia. Em suas palavras:

“Um bom projeto deve atender ao público que paga imposto, ao empresário, porque pegou parte desse imposto e ‘ta’ investindo, ao Governo que aplicou esse dinheiro na cultura, à classe artística, mas, principalmente, que ele deixe um legado social, e o Terça de Graça atende a esses quesitos” (Bené Barsosa, humorista idealizador do projeto)

No tocante a iniciativa pessoal do humorista, o projeto “Terça de Graça”, o entrevistado nos contou que esta ação surgiu como uma “[...] forma de possibilitar ao cearense que tem essa vontade de ser humorista” uma oportunidade e com a “intenção de perpetuar o humor cearense”, pois, ainda de acordo com ele, “[...] ser um bom humorista não é só saber contar uma piada”.

O “Terça de Graça” investe na formação de novos profissionais, inclusive os de rua, e busca aprimorar o talento dos já existentes, além de formar plateia. Dentre as oficinas técnicas, o projeto conta com: Criação da Personagem, Direção Cênica, Iluminação, Sonoplastia, Expressão Corporal, Elaboração de Projetos, profissionais reconhecidos nas áreas específicas, além de apresentações de grandes humoristas, atores/atrizes, comediantes, palhaços, mímicos e demais profissionais do humor.

A ideia surgiu no ano de 2009, e foi aprovada através de um edital da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará (SECULT). Seu início foi no Teatro José de Alencar, no Centro da cidade, e passou também pela cidade de Sobral, pelo Cuca do bairro Barra do Ceará e, atualmente, é realizado no Cine Teatro São Luiz, que foi revitalizado e reinaugurado recentemente, neste ano de 2015 e, no mesmo prédio, funciona a SECULT. Ou seja, esta idealização também já passou pelo interior do Estado do Ceará, como o Festival do Humor Cearense, bem como também por diferentes bairros da cidade de Fortaleza.

O projeto funciona através de Lei Rouanet, Lei nº 8.313/1991, através da iniciativa de mecenato²¹, em que o poder público passa a não cobrar determinado tipo de imposto para a iniciativa privada e, em troca, esta passa a investir em projetos culturais através de patrocínios e doações. Através desta mesma Lei, o “Terça de Graça” também foi aprovado no Estado de São Paulo, que permitirá maiores oportunidades aos humoristas cearenses, bem como também aos artistas paulistanos.

Bené Barbosa afirmou que o “[...] Terça de Graça” atinge a todos os públicos, de todas as idades e classes sociais, e que essa é uma das intenções do projeto, por isso ele afirma que o humor não deve ser agressivo, já que o espetáculo também é frequentado por crianças e idosos. “[...] A ideia é preservar a molecagem cearense, o bom humor do Ceará, mas com inteligência, sem ser agressivo”, portanto, passa a ser alcançável a todos.

Ainda quando falou sobre esta iniciativa, Bene disse que não é gratuito, pois todo brasileiro paga imposto e merece receber o melhor serviço em troca, pois “[...] a arte precisa ser oferecida ao povo”, independente de sua classe social.

O entrevistado afirmou que também tem outros dois projetos, o “Ler e rir”, voltado para crianças, e o “Curta o humor”, com exibição de filmes e documentários ligados ao humor, e que seu grande sonho é a criação da “Academia Brasileira do Humor”, para “[...] fazer do Ceará a grande vitrine de humor no mundo”, pois “[...] o humor no Ceará merece ter este espaço” e a sua maior intenção é “espalhar o bom humor do Ceará pelo Brasil todo”.

No dia 07 de julho de 2015, o humorista a se apresentar foi Zé Modesto (figura 16) e, ao realizar uma observação participante com o público que estava na fila, no geral, pude observar que a população está satisfeita. O público acredita que vai permitir o acesso à cultura por parte da população que não tem dinheiro, pois, algumas pessoas não frequentam o teatro devido aos valores cobrados, que algumas vezes se tornam inacessíveis. Além disso, é

²¹ O Decreto nº 1.494/1995 define mecenato como “a proteção e o estímulo das atividades culturais e artísticas por parte dos incentivadores”.

importante para o convívio social e uma opção de lazer tipicamente cearense, a famosa Terra do Humor, permitindo a difusão desta cultura.



Figura 16: Terça de Graça com apresentação de Zé Modesto
Fonte: Arquivo pessoal da autora

Ou seja, existem diferentes formas de iniciativas de valorização ao humor cearense. Algumas delas são privadas, como o Caso do Teatro Chico Anysio e do Museu do Humor Cearense, que não tem verba pública para sua manutenção. Outras são de iniciativas dos próprios humoristas, que, através da sua luta, conquistam editais ou parcerias, em alguns casos, da esfera pública.

Decerto, as políticas culturais são valorizadas pela população, mas, no caso específico do humor, há uma maior necessidade de projetos ligados a essa temática, de forma a beneficiar a todos os envolvidos e perpetuar a tradição do humor no Ceará.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma pesquisa científica precisa buscar conhecimento sobre a realidade, contribuindo com a sociedade, mas também deve despertar ponderações acerca da sua temática em análise. O presente trabalho monográfico reuniu ideias de filósofos, sociólogos, historiadores e outros autores relacionados ao tema com o intuito de discutir sobre as políticas culturais de humor, um tema ainda pouco abordado cientificamente.

A carência de informações e material bibliográfico não foram obstáculos para o desenvolvimento desta pesquisa, no entanto, sabemos que muitas questões ainda poderão surgir. Podemos, portanto, afirmar que investigar tal tema foi uma atitude desafiadora e recompensadora.

Este estudo nos mostrou que o humor faz parte das nossas vidas desde os tempos da pré-história, estando sempre presente ao longo da evolução das sociedades humanas. Especificamente no Ceará, essa característica se transformou num traço identitário de tal povo desde o período conhecido como Ceará Moleque, em que aconteceram diversos fatos tidos como pitorescos para a sociedade da época e, desde então, os cearenses tornaram-se conhecidos por sua capacidade de transformar até mesmo episódios cotidianos em piada, várias vezes convertendo o choro em riso.

A partir dos resultados apurados, o estudo confirmou a veracidade da hipótese lançada, tendo em vista que os humoristas entrevistados, afirmaram que há uma certa dificuldade em serem lançados editais de humor.

Podemos afirmar o humor já faz parte da cultura cearense, tendo em vista que esse traço tornou-se característica marcante de tal povo e, portanto, pode ser considerada como um fator determinante.

O presente estudo realizado é apenas uma contribuição inicial para futuras pesquisas relacionadas ao tema e, com ele, espera-se que seja lançada uma semente para uma melhor compreensão do humor, do riso e da molecagem cearense como um forte traço cultural dos cearenses, e que os órgãos governamentais e de entretenimento possam lançar novos editais voltados a

projetos de humor, tendo em vista que a maioria dos projetos existentes é de criação dos próprios humoristas, criando novas oportunidades para os que atuam diretamente com humor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 4. ed. São Paulo/ Brasília: Hucitec/Edunb, 1999.

BARROSO, Oswald. "Incorporação e memória na performance do ator brincante" in TEIXEIRA, J. G. L. C. (org.), *Patrimônio imaterial, performance cultural e (re)tradicionalização*. Brasília: ICS – UnB, 2004.

BOSI, Alfredo (org). *Cultura Brasileira: temas e situações*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1999.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1989.

BREMMER, Jan. "Piadas, comediógrafos e livros de piada na cultura grega antiga". In. _____. e ROODENBURG, Herman (Org.). *Uma História cultural do humor*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

CAMINHA, Adolfo. *A Normalista*. Fortaleza: Diário do Nordeste, 1997.

CANCLINI, Nestor García. *Definiciones em transición*. Buenos Aires: CLACSO, 2001.

COELHO NETO, José Teixeira. *Dicionário Crítico de Política Cultural*. São Paulo: Iluminuras, 1997.

DICIONÁRIO MICHAELIS. *Significado da palavra humor*. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=humor>> Acesso em 04/05/015.

DICIONÁRIO MICHAELIS. *Significado da palavra riso*. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=riso>> Acesso em 04/05/2015.

FREITAS, Geovanni Jacó. *Ecos da Violência* – Narrativas e relações de poder no nordeste canavieiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/ UFRJ, 2003

GIL, Antonio Carlos. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JOB, Daniel Carneiro. *Praça do Ferreira: o inédito, o sério e o pitoresco*. 2. ed. Fortaleza: Fundação de Cultura e Turismo de Fortaleza, 1992.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. -5. ed. -São Paulo : Atlas 2003.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 20. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

LEITAO, Juarez. *A Praça do Ferreira: República do Ceará Moleque*. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2002.

LIMA, Herman. *Imagens do Ceará*. Fortaleza, Ed. Henriqueta Galeno, 2. Ed. 1977

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Subsídios para uma política de lazer: o papel da administração municipal. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (org). *Políticas Públicas Setoriais de Lazer: o papel das Prefeituras*. Campinas, Editora Autores Associados, 1996.

MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: editora UNESP, 2003.

MOURA, Katia Cilene Paula de. *O “Ceará Moleque” na ponte aérea: O Humor Cearense em concursos midiáticos e sua influência na construção de uma identidade cultural para atividade turística de Fortaleza*. Trabalho de conclusão de curso do Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo. 99p.

Fortaleza: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), 2012.

MORGAN, Lewis Henri (1818-1881). *Evolucionismo cultural: textos de Morgan, Tylor e Frazer, textos selecionados, apresentação e revisão Celso Castro, tradução Maria Lúcia de Oliveira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

_____. *Cultura Brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

PELLEGRIN, Ana de. O espaço de lazer na cidade e a administração municipal. *In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (org). Políticas Públicas Setoriais de Lazer: o papel das Prefeituras*. Campinas, Editora Autores Associados, 1996.

PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Edméa Rita. *Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública*. Rev. Saúde Pública, São Paulo, vol. 29 no 4, Agosto de 1995. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v29n4/10>> Acesso em 15 de junho de 2015.

POERNER, Arthur José. *Identidade cultural na era da globalização: Política Federal de Cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 1997.

PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860 – 1930)*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/ Multigraf Editora Ltda., 1993.

PROPP, Vladimir. *Comicidade e Riso*. São Paulo: Ática, 1992.

S.A *Turismo em Fortaleza*: “Fábrica de Gargalhadas”. Informatudo Pague Menos. Fortaleza, ano 4, mês 11, vol. 7, nº 42, págs 12 – 13, novembro/dezembro 2004.

SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do riso - a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. 23. ed. São Paulo: CORTEZ, 2007

SILVA, Marco Aurélio Ferreira da. “Uma Fortaleza de risos e molecagem”. In: SILVA, Marco Aurélio Ferreira da. *Humor, vergonha e decoro na cidade de Fortaleza (1850 – 1890)*. Fortaleza: Museu do Ceará, SECULT, 2009. *Língua*. Curitiba, ano 7, nº 79, págs 34 – 35, maio, 2012.

SOUZA, Simone e NEVES, Frederico de Castro (org.). *Comportamento*. Fortaleza: EDR, 2003. (Coleção Fortaleza: história e cotidiano)

THIOLLENT, Michel. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo: Editora Polis, 1980.

UNESCO. *Um mundo e muitas vozes*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1983.

VIANA, Chico. *Do riso à crítica social: o humor do artista cearense que refletiu a alma do povo brasileiro*. In: *Revista Língua Portuguesa*, ano 7, n. 79 – maio de 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos Humoristas Entrevistados

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: **RISO, HUMOR E MOLECAGEM CEARENSE: Políticas de incentivo e valorização a cultura humorística**

Pesquisador Responsável: **Juliana Araújo Costa**

Telefone para contato: (85)9621413

◆ Nome e Assinatura do pesquisador:

Juliana Araújo Costa

◆ CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, JOSÉ JADER SOARES, _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo **RISO, HUMOR E MOLECAGEM CEARENSE: Políticas de incentivo e valorização a cultura humorística** como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador **Juliana Araújo Costa** sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos.

Local e data Fortaleza, 10/07/2015,

Nome: JOSÉ JADER SOARES

Assinatura do sujeito ou responsável: José Jader Soares

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: **RISO, HUMOR E MOLECAGEM CEARENSE: Políticas de incentivo e valorização a cultura humorística**

Pesquisador Responsável: **Juliana Araújo Costa**

Telefone para contato: (85)9621413

◆ Nome e Assinatura do pesquisador:

Juliana Araújo Costa

◆ CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, BENEITO JOSÉ BARBOSA (BEJÉ BARBOSA),
abaixo assinado, concordo em participar do estudo **RISO, HUMOR E MOLECAGEM CEARENSE: Políticas de incentivo e valorização a cultura humorística** como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador **Juliana Araújo Costa** sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos.

Local e data: FORALEZA / 07 / 07 / 15.

Nome: *Beneito José Barbosa*

Assinatura do sujeito ou responsável: _____

APÊNDICE B: ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA COM JADER SOARES

1ª) Como surgiu a Associação dos Humoristas? Qual a sua importância?

2ª) Como surgiu o Festival do Humor Cearense? Qual a sua importância?

3ª) Você acredita que existam políticas de incentivo a essa cultura? Em caso afirmativo, quais?

APÊNDICE C: ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA COM BENÉ BARBOSA

1ª) Fale sobre a história do projeto “Terça de Graça”. Qual a sua importância? E qual o público-alvo?

2ª) Você tem outros projetos? Em caso afirmativo, quais?

3ª) Você acredita que existam políticas de incentivo a essa cultura? Em caso afirmativo, quais?